



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DR SÉRGIO JACINTHO LEONOR
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

HILÁRIA DE MELO SOARES

**CRIANÇAS AUTISTAS: ACOLHIMENTO E APRENDIZAGEM NO CENTRO
MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL (CMEI) IRMA LUCILIA EM
ARRAIAS-TO**

Arraias, TO

2025

HILÁRIA DE MELO SOARES

**CRIANÇAS AUTISTAS: ACOLHIMENTO E APRENDIZAGEM NO CENTRO
MUNICIPAL IRMÃ LUCÍLIA (CMEI) EM ARRAIAS-TO**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Arraias-TO para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Dra. Elisabete da Silveira Ribeiro

Arraias, TO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- S676c Soares, Hilária de Melo.
Crianças autistas: acolhimento e aprendizagem no Centro Municipal Imã
Lucília (CMEI) em Arraias-TO. / Hilária de Melo Soares. – Arraias, TO, 2025.
46 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Arraias - Curso de Pedagogia, 2025.
- Orientadora : Dra. Elisabete da Silveira Ribeiro
1. Transtorno do Espectro Autista. 2. Acolhimento. 3. Processo de
aprendizagem. 4. Formação continuada docente.. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**


Hilária de Melo Soares

Crianças autistas: acolhimento e aprendizagem no Centro Municipal Irmã Lucília (CMEI) em Arraias-TO


Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Arraias-TO, Curso de Pedagogia foi avaliado para a obtenção do título de licenciada e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 10 /04 /2025


Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **ELISABETE DA SILVEIRA RIBEIRO**
Data: 06/05/2025 19:47:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra. Elisabete da Silveira Ribeiro, Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Documento assinado digitalmente
 **LENILDA DAMASCENO PERPETUO**
Data: 05/05/2025 12:25:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a. Lenilda Damasceno Perpétuo, Universidade de Brasília (UNB)

Documento assinado digitalmente
 **JANAÍNA SANTANA DA COSTA**
Data: 05/05/2025 11:34:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a. Janaína Santana da Costa, Universidade Federal do Tocantins (UFT)

AGRADECIMENTOS

De início quero aqui apresentar meus agradecimentos a Deus por me fortalecer e não deixar desistir do meu propósito durante a caminhada. A palavra que me resume hoje é gratidão, por todo percurso trilhado até o momento, no qual concluo minha trajetória acadêmica.

Nesse momento tão importante na minha vida, não posso deixar de agradecer a todas as pessoas que direta e indiretamente me ajudaram durante toda minha jornada acadêmica, inicialmente quero agradecer aos meus pais, Luciana de Melo Soares e Calixto Soares de Moura que mesmo não tendo concluído os estudos e mesmo tendo uma vida de trabalhos pesados no meio rural, nunca deixaram de me incentivar a estudar, concluir os estudos e buscar meus objetivos, já que sempre presaram pela nossa felicidade e educação, mesmo que isso custasse a própria felicidade deles, um exemplo disso, é a vinda de minha mãe para o meio urbano, trazendo eu e meus irmãos para estudarmos, enquanto meu pai continuava no meio rural cuidando da fazenda.

Ao meu marido Valdiron Rodrigues dos Santos, quero agradecer pelo companheirismo e por sempre estar ao meu lado, me dando forças e incentivando, mesmo em meio aos estresses e medos que enfrentei durante esse período de formação. Aos meus filhos Eycon, Hiara e Maitê a palavra é gratidão, pois vocês são o motivo de continuar sempre buscando melhorar cada vez mais, por sempre almejar o melhor nas nossas vidas.

Aos meus irmãos quero agradecer pelo incentivo de sempre, que mesmo em meio as diferenças cotidianas, nunca deixaram de me apoiar e sempre estiveram presentes na minha vida. Aos meus colegas quero agradecer por terem contribuído de diversos modos na minha formação, desde o auxílio nas minhas dificuldades, até a troca de conhecimentos. Quero agradecer especialmente Jéssica, Geane e Edileide por estarem sempre dispostas a me ajudar nas dificuldades acadêmicas.

À minha orientadora Prof. Dr^a Elisabete da Silveira Ribeiro, a palavra que resume, todo esse processo de construção do trabalho, é gratidão, pelo estímulo e conhecimentos a mim direcionados, toda dedicação e companheirismo durante todo essa trajetória.

Agradeço, também, a todos os professores que fizeram parte da minha jornada acadêmica, sem vocês nada disso seria possível, já que ensino e aprendizagem acontecem através da troca de conhecimentos e experiências entre estudante e professor. Por fim,

mas não menos importante, agradeço à banca examinadora, nas pessoas da profª Drª Lenilda e profª Drª Janaína, recebam o meu carinho, muito obrigada pela disponibilidade e por aceitarem o convite.

RESUMO

Este trabalho teve como finalidade entender o acolhimento e o processo de aprendizagem de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), matriculadas no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Irmã Lucília, em Arraias-TO. A pesquisa buscou visualizar as maneiras que os professores realizam a interação entre os estudantes com TEA e seus colegas e também a importância da formação continuada para os docentes envolvidos no processo de ensino. Optamos por uma pesquisa de cunho qualitativo, com realização de investigação em campo, através da aplicação de entrevistas semiestruturadas com docentes da instituição que atendem crianças com TEA. A partir dos resultados, infere-se que mesmo com avanço da legislação e na conscientização sobre o TEA, ainda há grandes dificuldades na inclusão escolar e mudanças das práticas de ensino. Conclui-se portanto que, o acolhimento e aprendizado dessas crianças depende não apenas de metodologias adaptadas, mas também, da participação da comunidade escolar e da formação continuada com uma abordagem pedagógica inclusiva que considere as especificidades dos estudantes com TEA.

Palavras-chaves: Transtorno do Espectro Autista; Acolhimento; Processo de aprendizagem; Inclusão Escolar; Formação continuada.

ABSTRACT

This study aimed to understand the reception and learning process of children diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD) enrolled at the Irmã Lucília Municipal Early Childhood Education Center (CMEI) in Arraias-TO. The research sought to visualize the ways in which teachers interact between students with ASD and their peers and also the importance of continuing education for teachers involved in the teaching process. We chose a qualitative research, with field investigation through the application of semi-structured interviews with teachers from the institution who serve children with ASD. From the results, it can be inferred that even with advances in legislation and awareness about ASD, there are still great difficulties in school inclusion and changes in teaching practices. It is therefore concluded that the reception and learning of these children depends not only on adapted methodologies, but also on the participation of the school community and ongoing training with an inclusive pedagogical approach that considers the specificities of students with ASD.

Key-words: Autism Spectrum Disorder; Reception; Learning process; School inclusion; Continuing training.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA	Associação Americana de Psiquiatria
AEE	Atendimento Educacional Especializado
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CMEI	Centro Municipal de Educação Infantil
CNE	Conselho Nacional de Educação
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil
LBI	Lei Brasileira de Inclusão
OMS	Organização Mundial da Saúde
PNEEPEI	Plano Nacional de Educação para a Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TEA	Transtorno do Espectro Autista
UFT	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Apresentando a pesquisadora.....	10
2 DIÁLOGO COM AUTORES QUE SUSTENTAM A PESQUISA	13
2.1 Educação Infantil: entre desafios e possibilidades dos campos de experiência educativa para estudantes com deficiência intelectual.....	15
2.2 Nas trilhas do cuidado e das brincadeiras: Estudante com TEA na Educação Infantil	16
2.3 Do direito à educação	20
3 DESENHO METODOLÓGICO	24
3.1 Caracterização do local da pesquisa	25
3.2 Participantes da pesquisa.....	25
3.3 Produção de dados e reflexões	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICES	44
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	44

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso tem o intuito de compreender como é o acolhimento e o processo de aprendizagem da criança autista na creche, consolidando isso numa análise sobre o atendimento e métodos utilizados para a aprendizagem destas no âmbito escolar.

Falar sobre o autismo é entender que este é um assunto que vem se consolidando atualmente, avançando em questões de entendimento e tratamento, tendo em vista que, não era algo muito visto antigamente, ou até porque passava despercebido por seus sintomas serem semelhantes a outro transtorno, ou pelo simples fato da família achar que isso fazia parte do processo da criança, taxando como fase ou preguiça, e por ser uma condição invisibilizada só fortalecia esses estigmas.

Desse modo elencamos como problema de pesquisa: como se produz o acolhimento para o processo de ensino e aprendizagem das crianças com TEA, em sala de aula, no CMEI Irmã Lucília em Arraias, TO? E como objetivo geral: compreender como é o acolhimento e o processo de aprendizagem da criança autistas na CMEI Irmã Lucília. E como objetivos específicos: analisar a interação da criança com TEA com os demais colegas na sala de aula; refletir sobre a importância do acolhimento das crianças para seu desenvolvimento escolar; compreender a realidade da criança com TEA no meio escolar e realizar a escuta das professoras acerca do trabalho com crianças com TEA na Educação Infantil.

Por fim, quanto a estrutura do trabalho, esse encontrou-se dividido em seções e subseções: primeiramente o Capítulo 1, denominado introdução, apresentando uma contextualização do TEA na Educação Infantil, com suas possibilidades e desafios e posteriormente a trajetória da pesquisadora enquanto mulher pesquisadora e quilombola. Após, o Capítulo 2, fundamentação teórica, demonstrou a vivência pedagógica dos professores dentro da Educação Infantil, bem como, seus desafios e avanços, ao lecionarem para crianças com deficiência intelectual, como é o caso do TEA.

Já o Capítulo 3, apresentou a trajetória metodológica, descrevendo local de pesquisa, instrumentos e procedimentos da pesquisa e a descrição e reflexões acerca das respostas obtidas pela entrevista e discutiu os resultados da pesquisa, mediante entrevista semiestruturada realizada com 03 docentes que lecionam no CMEI Irmã Lucília e

possuem alunos com TEA. Por fim, o Capítulo 4, trouxe as conclusões da pesquisa e sua relevância para a sociedade e comunidade acadêmica.

De modo geral, a pesquisa obteve como principais resultados: que embora haja uma preocupação dos professores em receber e incluir as crianças com TEA, também há uma necessidade de formação continuada na área da educação inclusiva para os trabalhadores da educação. A ausência de saberes mais específicos sobre TEA e a falta de materiais corretos são fatos que atrapalham a criação de um lugar realmente aberto. Além disso, a relutância de alguns pais em aceitar o diagnóstico dos filhos e a falta de ajuda técnica dentro das escolas são barreiras que precisam ser eliminadas.

1.1 Apresentando a pesquisadora

Sou uma mulher negra e quilombola do Kalunga-Mimoso. Estudei na escola na comunidade Kalunga-Mimoso, mas tivemos que vir embora para o meio urbano para estudar. Desde muito cedo, já enfrentamos muitos desafios para conseguir ter acesso à educação escolar, visto que, minha mãe estudou somente até o segundo ano do Ensino Fundamental e meu pai não é alfabetizado. Então tínhamos muitas dificuldades, devido a escola ser longe e não haver transportes escolares, éramos obrigados a passar toda a semana na casa dos nossos avós, porque eles moravam mais perto da escola. Assim, voltávamos para casa somente nos finais de semanas.

Quando iniciei o curso de pedagogia não compreendia a dimensão que este curso tinha, e ainda o quanto poderia deparar com diversas realidades dentro de uma sala de aula, via como um curso onde minha função seria dar aulas, porém ao decorrer da minha formação percebi que não se tratava de algo tão superficial e simples como pensava, entendi a importância do trabalho pedagógico com as crianças.

No estágio, na prática, além do já visto na teoria, que pude perceber as diversas realidades que encontraria dentro de uma sala de aula. Foi isso que me instigou a escolher esse tema, quando me deparei, observando algumas crianças com TEA no ambiente escolar, foram surgindo curiosidades e questionamentos de como se produz o acolhimento e a aprendizagem delas no ambiente escolar, isto é, por ser o primeiro espaço diferente que elas frequentam, além do meio familiar.

Ao me tornar mãe, e essa vivência trouxe uma nova perspectiva à minha formação. Ser mãe me fez entender ainda mais profundamente a importância do cuidado, da escuta e da paciência no processo educativo. Também me fez pensar com mais empatia sobre o

que as famílias de crianças com necessidades específicas enfrentam diariamente — suas angústias, lutas e esperanças. Ser mãe reforçou meu compromisso com a construção de uma prática pedagógica mais humana, sensível e inclusiva, onde todas as crianças, com ou sem deficiência, possam se sentir acolhidas, valorizadas e capazes de aprender.

Como pedagoga em formação vejo que esta é uma realidade em que posso e vou me deparar na sala de aula ou no ambiente escolar, e isso me instiga a refletir que essa é uma condição em que se faz necessário uma maior ênfase, um maior envolvimento, uma ampliação do debate e um trabalho melhor, seja nas escolas públicas ou privadas, sendo fundamental, a formação continuada voltada a essa questão, considerando que, na pedagogia temos a mediação do conhecimento de forma abrangente da educação especial e inclusiva, não é algo voltado necessariamente a um transtorno, e ao adentrar na sala de aula sabemos que assim como Orrú (2012),

A interação entre o professor e seu aluno é fundamental. No caso de crianças com TEA nem sempre o professor vê atitudes que demonstram uma ação de reciprocidade vinda de seu aluno [...] após a identificação de tal interesse, o professor organiza em seu contexto o ambiente para a aprendizagem, as motivações precisam ser trabalhadas por meio de conteúdos e materiais diversos, valorizando toda ação realizada por seu aluno, por meio da sua mediação (Orrú, 2012, p.12).

Essas perguntas me levaram à escolha do tema da minha pesquisa. E, mais do que isso, me fizeram olhar para minha própria trajetória com outros olhos. Enquanto mulher quilombola, compreendo que a exclusão não é apenas uma condição momentânea — é estrutural. Nós, quilombolas, historicamente fomos excluídos dos espaços de decisão, de conhecimento e de reconhecimento. E por isso, acredito que minha origem me dá uma perspectiva única e valiosa ao trabalhar com crianças com TEA.

Carrego comigo saberes ancestrais e comunitários que moldam a forma como vejo o mundo e me relaciono com o outro. No quilombo, aprendemos desde cedo que ninguém cuida de si sozinho — é sempre no coletivo. Essa visão comunitária me ajuda a construir uma prática pedagógica mais sensível e acolhedora. Entendo que cada criança tem seu tempo, seu modo de se expressar, sua forma de aprender — e é papel do educador construir pontes, e não barreiras.

Acredito que minha vivência quilombola fortalece minha capacidade de mediação. Pois estou acostumada a buscar caminhos alternativos, a aprender com a escassez, a ouvir com o coração, a respeitar os silêncios. Ser mãe aprofundou ainda mais

esse olhar — trouxe mais sensibilidade, mais empatia e um entendimento visceral da importância do cuidado.

Por tudo isso, entendo que a formação inicial em pedagogia precisa avançar no sentido de preparar melhor os educadores para lidar com a diversidade. A educação inclusiva não é um favor — é um direito. E enquanto mulher negra, quilombola, mãe e futura pedagoga, carrego o compromisso de fazer da sala de aula um espaço onde todas as crianças, com ou sem deficiência, se sintam vistas, respeitadas e capazes de aprender.

Nesse sentido, entendo que a interação do professor com o estudante, poderá possibilitar ter um melhor desempenho e desenvolvimento escolar desse estudante. Ciente disso é importante pontuar que mediar o conhecimento não é algo fácil, sem um embasamento teórico e experiências práticas para trabalhar com crianças com TEA se torna ainda mais complexo.

2 DIÁLOGO COM AUTORES QUE SUSTENTAM A PESQUISA

O autismo é um transtorno que passa “despercebido”, se não houve uma análise e observação precisa da família e da escola logo na infância, onde muitas vezes as crianças são matriculadas e enquadradas aos parâmetros de todos os outros, não sendo identificado seu transtorno, o que pode implicar em dificuldades na sua aprendizagem e tratamento frente aos conteúdos e forma de trabalho na sala de aula.

A ausência de interação social do autista em relação a não identificação da família acarreta ao que muitos percebem como timidez, utilizando de argumentos como a genética, de que pai/mãe era assim quando pequeno, porém é interessante observar que as épocas são diferentes, muitos diagnósticos não eram dados por falta inclusive de informação e conhecimento dos responsáveis sobre essa possível condição de seus filhos.

Sobre a genética é interessante pontuar o que diz Mariano (2019) “[...] estudos recentes mostram que o papel da herança genética para o desenvolvimento do transtorno não é tão grande como se supunha. Os genes desempenham 50% das chances de uma criança vir a ter autismo.” (Mariano, 2019, p.13). Nesse sentido é possível perceber que o autismo não está ligado 100% a questão genética, logo esse transtorno não é algo que vem de geração em geração como por exemplo as tradições e costumes familiares que passa dos pais para filhos.

É compreensível que muitas pessoas não tenham conhecimento sobre esse transtorno uma vez que, é uma questão recente, logo o percurso é longo até se tornar conhecido e compreendido em sua forma exata, desde os sintomas até o diagnóstico e tratamento. Isso implica no atendimento no meio escolar, pois se existe uma ausência de informação e conhecimento em relação ao transtorno como será essa assistência e acolhimento sem uma base teórica e prática voltada totalmente a essa condição. Essa situação é discutida por Cunha (2014) em relação ao estudante com TEA

Enquanto o aluno com autismo não adquire a autonomia necessária, é importante que ele permaneça sob o auxílio de um profissional capacitado ou um psicopedagogo para que dê suporte ao professor em sala de aula. Na escola inclusiva, é demasiadamente difícil para um único educador atender a uma classe inteira com diferentes níveis educacionais e, ainda, propiciar uma educação inclusiva adequada. Tudo o que for construído no ambiente escolar deverá possuir o gene da qualidade (Cunha, 2014, p.55)

Corroboramos com o autor quando afirma que o estudante com autismo tem a necessidade de ter o auxílio de um profissional capacitado, logo a formação continuada voltada para o TEA se faz indispensável, quando se tem em uma sala de aula ou âmbito

escolar crianças autistas, esta não deve ser atribuída e disponibilizada apenas aos que lidam diretamente com as crianças, mais também para aqueles que lidam indiretamente, pois é difícil um educador atender a demanda de uma turma, proporcionando a inclusão de todos.

Neste cenário, insistimos na importância da “formação continuada”, pois isso implica diretamente no acolhimento e aprendizagem da criança, isto é, não que sem essa formação os profissionais ali presentes não saibam acolherem e não proporcionem a aprendizagem, porém com o conhecimento teórico voltado a essa única condição, o desempenho será melhor.

É importante dizer que se faz necessário a compreensão, o estudo, a conscientização e a formação sobre o TEA, tendo em vista que, é evidente sua necessidade como forma de ajudar as crianças autistas no seu desenvolvimento pessoal, social e educacional, suprimindo suas necessidades.

Existe ainda ausência de informação quando se trata de TEA, logo vale contextualizar o que diz e garante a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, sendo amparada algumas pontuações extremamente importantes,

Art. 1º Esta Lei institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e estabelece diretrizes para sua consecução.

§ 1º Para os efeitos desta Lei, é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela portadora de síndrome clínica caracterizada na forma dos seguintes incisos I ou II:

I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos.

Nessa perspectiva é possível perceber que é assegurada para a pessoa com TEA, uma lei de proteção dos seus direitos, estando detalhadamente nos incisos I e II a caracterização destas, isso inclui dizer que mesmo que seja uma condição ainda pouco conhecida, mas não nova para a sociedade atual é amparada, reconhecida e garantida perante a lei, debruçando de todos os efeitos legais. É interessante dizer que a ampliação dessa informação despertara um melhor processo de interação social das pessoas sem deficiência para com os autistas.

É importante contextualizar que essa temática é indispensável atualmente, afinal várias pessoas vêm sendo diagnosticadas com o TEA, sendo uma forma de desconstruir pensamentos capacitistas em relação a esse transtorno que atinge muitas pessoas.

O recomendável é primeiramente entender que esse assunto é complexo, e lidar com essa situação não é algo tão fácil, principalmente em uma sala de aula, onde sua formação inicial enquanto educador atinge essa modalidade especial e inclusiva, mas não dá embasamento teórico e prático voltado exclusivamente a essa condição.

Ciente disso, assim como Oliveira (2016) a finalidade é “ [...] esclarecer aos profissionais da educação como deve ser pensada a inclusão para a criança com TEA, considerando a formação inicial e continuada como o grande suporte para que a escola seja verdadeiramente inclusiva. ” (Oliveira, 2016, p.11)

2.1 Educação Infantil: entre desafios e possibilidades dos campos de experiência educativa para estudantes com deficiência intelectual

A desconexão entre um currículo excessivamente burocrático e desvinculado das experiências da vida real destaca a importância de estudar e participar de discussões que melhor contribuam para essa interconexão. Este pensamento aprofunda estas preocupações, centrando-se nos obstáculos e potencialidades apresentadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino primário (Brasil, 2018).

Esse documento prioriza o direito fundamental das crianças de receber Educação Infantil. Isso porque, os conteúdos deste nível de ensino giram em torno da BNCC e sua proposta de estrutura centrada em campos de experiência. Destacamos o potencial e os obstáculos associados à implementação da abordagem da experiência de campo na Educação Infantil (Brasil, 2018).

A ênfase dessa estrutura educacional não está apenas na preparação das crianças para o ensino fundamental, mas sim na promoção de relações educacionais e pedagógicas que priorizem o cuidado, a interação, a brincadeira e o desenvolvimento de linguagens diversas. A proposta de uma organização curricular que promova a ampliação de experiências fica evidente na visão expressa nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI), que sugere que em ambientes educacionais grupais, situações específicas e tangíveis devem ser cuidadosamente organizadas.

Na Educação Infantil, o (a) professor (a), como companheiro (a) mais conhecedor (a) da criança, tem a capacidade de observar, abraçar, apreciar e ampliar possibilidades,

fornecendo interpretações e histórias para a criança explorar. Isso inclui o envolvimento em atividades como ouvir, falar, pensar e imaginar, bem como explorar linhas, sons, cores e imagens, juntamente com espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Por fim, Simiano e Buss-Simão (2016) explicam que quando se trata do âmbito dos encontros educativos, acredita-se que um ambiente educativo rico pode ser estabelecido através da organização de espaços físicos, da seleção de recursos, do trabalho colaborativo em pequenos grupos, da gestão eficaz do tempo e da narração de histórias individuais das crianças. Este contexto educacional abrangente fornece amplo apoio para as crianças explorarem, investigarem, criarem e se envolverem em experiências significativas.

2.2 Nas trilhas do cuidado e das brincadeiras: Estudante com TEA na Educação Infantil

Segundo Aquino (2022, p.11), “o autismo é um transtorno que ainda é pouco conhecido e compreendido”. Porquanto, antes não era observado com tanta frequência como hoje em dia.

Conforme o fórum temático da Fundação de Atendimento ao Deficiente e ao Superdotado do Rio Grande do Sul (FADERS, 2020), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição de neurodesenvolvimento marcada por padrões diferenciados de desenvolvimento, expressões comportamentais, comunicação e interação social prejudicadas, podendo apresentar comportamentos repetitivos e uma gama limitada de interesses e atividades.

No passado, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou certas formas de autismo como: autismo atípico, síndrome de Rett, síndrome de Asperger, transtorno desintegrativo infantil e transtorno geral de desenvolvimento não especificado na CID-10. No entanto, a Associação Americana de Psiquiatria (APA) introduziu uma nova abordagem no DSM-5, substituindo estes termos por um diagnóstico unificado denominado TEA. Este diagnóstico atualizado reconhece que o autismo se manifesta com uma variedade de sintomas e níveis variados de gravidade (Faders, 2020).

Sobre os primeiros diagnósticos, o autismo era confundido com esquizofrenia onde “a história do autismo nos leva a compreender que o termo, desde meados do século XX, foi atribuído a diagnósticos de esquizofrenia adulta, devido principalmente à

necessidade de solidão, de rotina e a falta de interesse nas pessoas” (Evêncio; Fernandes, 2019, p.136).

Em relação a isso, cabe dizer que Leo Kanner é considerado o pai do autismo pelo fato desse transtorno ser descrito pela primeira vez por ele, onde foi,

[...] a partir das investigações do Dr. Kanner num grupo composto por oito meninos e três meninas, cada qual com suas peculiaridades, o autismo começou a ser atribuído em caso específico de comprometimento do desenvolvimento cognitivo e social, desta forma, alterando a compreensão que se tinha [...] (Evêncio; Fernandes, 2019, p.137).

Dessa forma, “o distúrbio fundamental mais surpreendente, patognômico, é a incapacidade dessas crianças de estabelecer relações de maneira normal com as pessoas e situações desde o princípio de suas vidas” (Kanner, 1943, p. 23). Dentre essa fala do “pai do autismo” podemos perceber isso no transtorno do espectro autista no contexto da educação escolar, onde a criança autista muitas vezes demonstra uma incapacidade de estabelecer relações como os demais, e isso implica no acolhimento da criança no ambiente.

Nesta linha de raciocínio, o fórum traz algumas indicações de neurodesenvolvimento atípico que podem ser observadas em bebês durante os primeiros meses de vida, e o diagnóstico geralmente é feito entre as idades de 2 e 3 anos. Ainda conforme o mesmo fórum, a categorização dos graus de autismo não é mais uma prática corrente, embora ainda existam indivíduos que aderem a esta terminologia, hoje utilizando-se os termos suporte de nível 1, 2 e 3, resultando em um perfil personalizado que descreve as habilidades e necessidades de um indivíduo (Faders, 2020).

Nessa ótica, indivíduos no espectro do autismo muitas vezes experimentam dificuldades com sua postura e se envolvem em comportamentos repetitivos e estereotipados. Por exemplo, o autismo clássico é caracterizado por atrasos significativos no desenvolvimento, enquanto TEA nível 1, apresenta seu próprio conjunto único de desafios.

Para tanto, indivíduos com esse transtorno podem encontrar desafios nas interações sociais e na compreensão das normas sociais; no entanto, eles exibem uma memória excepcional e se destacam em domínios específicos. Deve-se compreender as intenções ou objetivos subjacentes a certas ações podem representar dificuldades para indivíduos com esta condição (Ribeiro e Ribeiro, 2016).

Segundo Ribeiro e Ribeiro (2016), o TEA apresenta um duplo desafio em termos de interações sociais com variabilidade comportamental e comunicação (verbal e não verbal). Isto pode ser particularmente desafiador para indivíduos que não estão familiarizados com o transtorno. Quando os estudantes com o espectro do autismo entram na escola, muitas vezes necessitam de apoio e orientação adicionais para aprenderem e prosperarem.

A utilização de linguagem inadequada ou restrita é predominante em crianças com TEA e ações incomuns, conflituosas ou estereotipadas são mais comuns em circunstâncias inesperadas ou quando indivíduos com TEA lutam para comunicar suas necessidades ou para serem compreendidos (FADERS, 2020).

Diante desse contexto, muitas vezes o TEA passava despercebido pelos pais ou professores por achar que era uma fase, agitação ou até mesmo por ser tímido e isso acarretar a falta de interação social e atraso na fala. Ribeiro e Ribeiro (2016, p.46) destacam ainda que, no caso de pessoas com TEA:

[...] pessoas com este transtorno podem ter dificuldades em compreender o propósito da comunicação, raramente iniciam um diálogo com quem estão conhecendo, podem não ter ou não demonstrar compartilhar interesses com os outros, ter atraso ou dificuldade na aprendizagem da fala, fazer uso inadequado ou limitado de gestos, expressões faciais ou linguagem corporal, não utilizar contato visual ou fazê-lo de forma bem reduzida, ter um vocabulário e falar fluentemente sem que isso se transforme em comunicação eficaz, ou ainda, podem falar indiretamente para a pessoa ao invés de falar com esta. É importante lembrar que não é fácil fazer diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista e que este só poderá ser realizado por neurologistas e psiquiatras [...].

Neste viés, o material desenvolvido pelo Fórum Conversando sobre Autismo: Unindo forças pela Inclusão, promovido pela Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas com Deficiência e Pessoas com Altas Habilidades no Rio Grande do Sul (FADERS) enfatiza que os desafios surgem quando se trata de interação social, incluindo a capacidade de manter contato visual, interpretar expressões faciais e compreender gestos comunicativos, expressar emoções e estabelecer amizades também pode ser um desafio. As dificuldades de comunicação manifestam-se através do uso repetitivo da linguagem e das dificuldades para iniciar e manter conversas (FADERS, 2020).

Assim como Ribeiro e Ribeiro (2016) pontuam que não é fácil realizar o diagnóstico do TEA, este acontece por meio da observação do comportamento e desenvolvimento da criança pelo médico, afinal, não há um exame laboratorial que

comprove o transtorno. Assim, iniciar a intervenção numa fase precoce é de extrema importância quando se trata de TEA, pois permite às crianças desbloquearem todas as suas capacidades de desenvolvimento e melhorarem o seu bem-estar geral. Logo, a oportunidade da intervenção está diretamente correlacionada com a probabilidade de alcançar avanços e de facilitar um desenvolvimento bem-sucedido.

O TEA afeta diretamente o comportamento da criança e pode ser diagnosticado e observado desde a infância, até mesmo quando bebê, como bem afirma Aquino (2022)

O TEA pode ser diagnosticado desde bebê, antes dos três anos de idade, ou seja, não há como uma pessoa se tornar autista, ela nasce com autismo, pois se trata de uma questão genética. São pessoas que possuem principalmente um tripé de dificuldades comportamentais: sendo elas na área da interação social, da comunicação verbal ou não verbal. Estas áreas apresentam aspectos diferenciados em cada pessoa (Aquino, 2022, p.17)

Em relação ao que a autora enfatiza é notório que cada criança dentre os sintomas que o TEA apresenta, será singular, logo cada pessoa pode apresentar características diferentes, em que uma pode ter dificuldade na fala, mais outra já pode conseguir falar, porém não conter sua agitação. São nas pequenas coisas que observamos a singularidade de cada um em relação aos demais.

Como podemos observar a linguagem é uma característica importante para o entendimento e a construção da criança autista no ambiente escolar. Beyer (2002) indaga:

Perguntamos, então, qual é o significado de educar um aluno com deficiência mental? Ou um aluno cego? Ou um aluno com Autismo? Quais espaços devem ser criados e continuamente considerados quando é deflagrado o processo de ensino aprendizagem com esses sujeitos e suas diversidades? (Beyer, 2002, p. 111).

Conforme o fórum da FADERS, a capacidade de comunicar é um aspecto essencial do ser humano, permitindo-nos transmitir os nossos pensamentos, emoções e necessidades. No entanto, para crianças diagnosticadas com autismo, a comunicação pode representar um obstáculo considerável. É de extrema importância que tanto os educadores como os pais possuam uma compreensão abrangente de técnicas eficazes destinadas a melhorar a comunicação com estudantes com TEA, bem como a utilização de sistemas alternativos de comunicação (FADERS, 2020).

Ainda segundo a FADERS (2020) para transmitir sua mensagem de maneira eficaz, é importante comunicar-se de maneira direta e concisa, utilizando frases breves e descomplicadas, evitando qualquer linguagem que possa ser confusa ou complicada.

Mantenha um tom composto e lúcido ao falar. A incorporação de recursos visuais, como imagens, pictogramas e calendários visuais, pode melhorar muito a compreensão da criança sobre as informações transmitidas. Ao utilizar representações visuais, eles descobriram uma maneira mais eficaz de comunicar as palavras, isto é, a consistência nas rotinas pode ser altamente benéfica para crianças no espectro do autismo.

Conforme Ribeiro e Ribeiro (2016), para acomodar as capacidades, limitações, preferências e personalidades individuais de cada aluno, é fundamental definir metas personalizadas. Não é realista esperar um desempenho uniforme em toda a turma, pois cada aluno possui um potencial único. Este reconhecimento da individualidade apresenta numerosos obstáculos a superar. A jornada que temos pela frente está repleta de desafios, pois ainda existem muitos lugares que permanecem resistentes em acolher e buscar compreender a diversidade.

Neste cenário, uma programação visual pode ser empregada como ferramenta para auxiliar na compreensão das atividades do dia, afinal permitir paciência e tempo torna-se importante para reconhecer que certos indivíduos no espectro do autismo podem necessitar de tempo adicional para processar informações e formular uma resposta. Portanto, é crucial fornecer-lhes tempo suficiente para organizar seus pensamentos e responder de acordo. Quando se trata de crianças que lutam com a comunicação verbal, sistemas alternativos como a comunicação gestual ou dispositivos de fala assistida podem fornecer uma solução valiosa (FADERS, 2020).

Tendo em vista que, para Bortolotto (2009, p.13), é através do acolhimento e da recepção da criança autista que possibilitará o despertar da confiança no espaço e nas pessoas ali presentes, dando a elas uma segurança e uma construção de uma relação saudável em que poderá soar positivamente na sua adaptação e desenvolvimento. “Nesse sentido, o autismo, ou transtorno autista, é o transtorno invasivo do desenvolvimento mais conhecido, no qual o indivíduo tem dificuldade com a interação social, comunicação com as pessoas e comportamento”.

2.3 Do direito à educação

A escola tem um papel fundamental no desenvolvimento do autista, já que o acesso à educação é um direito de todos, como assegura a Constituição Federal de 1988, no art. 205, “a educação, é direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade. Dessa maneira, visando o pleno

desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Logo é indispensável a escolarização da criança com TEA de forma legal, pessoal e social, porém é recomendado ressaltar que não basta apenas garantir o acesso à educação, é necessária formação adequada e olhar inclusivo que realmente promovam a inclusão.

A Lei nº 12.764/2012, e o Decreto nº 8.368/2014 que a regulamenta, designam oficialmente as pessoas com transtorno do espectro do autismo como outras pessoas com deficiência para todos os efeitos legais. Esta classificação garante o atendimento educativo das instituições de ensino da rede formal e o apoio necessário ao seu pleno desenvolvimento e estabelece diretrizes para a sua concretização (Brasil 2012; Brasil, 2014).

Ao adquirir novas competências e reduzir os obstáculos que impedem este indivíduo de colher os benefícios da educação, podemos permitir o seu progresso. Desse modo, o reconhecimento dos autistas como pessoas com deficiência segue a aprovação da Lei 12.764/2012, que leva o nome de sua autora, Berenice Piana, que, como mãe de uma criança autista, lutou arduamente para que seus direitos fossem reconhecidos conseguiu acrescentar aos mecanismos legais que garantam o direito das pessoas com impedimentos do espectro do autismo a receberem educação formal com o apoio de pares especializados, quando necessário (Brasil, 2012).

Para Ribeiro e Ribeiro (2016), faz-se essencial compreender os seus processos cognitivos e reconhecer que os indivíduos com baixa capacidade de generalização apresentam uma necessidade de previsibilidade e de uma estrutura forte no seu processo de aprendizagem. Normalmente, eles aprendem de forma mais eficaz por meio de estímulos visuais do que por meio de estímulos auditivos, conceitos abstratos e a compreensão das perspectivas dos outros podem representar desafios para eles. Essa característica também fica evidente em seu desempenho escolar.

Em face disso, o apoio educacional pode levar a melhores resultados desde da sua aprendizagem até o seu comportamento e interação social, ciente disso é interessante dizer que o TEA é um transtorno que precisa ser mais trabalhado na inclusão da criança autista no meio escolar, digo isso baseado no que diz Ropoli (2010), quando abordar que,

A inclusão escolar impõe uma escola em que todos os alunos estão inseridos sem quaisquer condições pelas quais possam ser limitados em seu direito de participar ativamente do processo escolar, segundo suas capacidades, e sem que nenhuma delas possa ser motivo para uma diferenciação que os exclua das suas turmas (Ropoli, 2010, p.8)

Essa pauta é extremamente importante como bem pontuado pela autora, pois é uma condição recentemente abordada mesmo que sempre tenha existido, não sendo apenas reconhecida como tal, nesse sentido quanto mais destacada e trabalhada for, maior e melhor será o processo de inclusão dessas crianças na escola, não tendo limitações em relação aos demais no processo de ensino e aprendizagem.

Orrú (2012) adverte que:

[...] o aluno com autismo é um ser humano que deve ser respeitado em seus limites. Assim sendo, a linguagem adentra todas as áreas de seu desenvolvimento, orientando sua percepção sobre todas as coisas e o mundo no qual está inserido. É pela linguagem que o aluno com autismo, em seu campo de atenção, aprendendo a diferenciar um determinado objeto de outros existentes, assim como construir ferramentas internas para integrar estas informações. Pela linguagem, também modificará seus processos de memória, deixando de ser engessado por uma ação mecânica de memorização, o que facilitará o desenvolvimento de uma atividade consciente que organiza o que deve ser lembrado. A linguagem proporcionará ao aluno com autismo maior qualidade em seu processo de desenvolvimento da imaginação, ação essa, em geral, tão comprometida em pessoas com [o transtorno] (Orrú, 2012, p.111).

É fácil perceber que o que diz Orrú (2012), responde de forma única as indagações que Beyer (2002) apresenta, ou seja, o significado de educar um aluno com TEA é possibilitar a ele o aprendizado através das ferramentas necessárias ao seu desenvolvimento, como por exemplo, da linguagem aumentativa, a qual dará ao autista maior qualidade em seu envolvimento, uma vez que, o educar está ligado positivamente no desenvolvimento deles.

E sobre os espaços citados por Beyer (2002) este não precisa ser criado e sim adaptado de forma que abrigue a criança com TEA, assim como os demais, utilizando estratégias que supram as necessidades deles e os inclua.

O aluno com autismo não é incapaz de aprender, mas possui uma forma peculiar de responder aos estímulos, culminando por trazer-lhe um comportamento diferenciado, que pode ser responsável tanto por grandes angústias como por grandes descobertas, dependendo da ajuda que ele receber (Cunha, 2014, p. 68).

É visível na fala de Cunha (2014) que o aluno com TEA é capaz de aprender assim como os outros, e isso está ligado ao olhar educativo de quem o acompanha, podendo ser o (a) professor (a), reforçando então a necessidade da formação continuada de professores

para qualificar-se e trabalhar nessa área, que vem gerando discussões e dúvidas, porém ainda segue sendo desconhecida em sua maioria por muitos.

Ribeiro e Ribeiro (2016) explicam ainda que os ajustes educacionais com estudantes com TEA, não ocorrem de forma consistente dentro das instituições de ensino, como é o caso do foco desta discussão nos recursos essenciais necessários para apoiar a inclusão, progressão e desempenho dos estudantes com TEA, bem como, a formação de profissionais. É amplamente reconhecido que numerosos profissionais buscam ativamente conhecimentos nesta área.

É importante reconhecer que os objetivos da educação de estudantes com transtornos, principalmente aqueles com TEA, podem diferir daqueles da turma geral. Portanto, é fundamental adequar os objetivos dos estudantes com TEA com base nas suas capacidades individuais, visando potencializar os seus pontos fortes e ajudá-los a superar as suas limitações. Não é produtivo esperar rigidamente que alcancem objetivos para os quais ainda não estão preparados, nem os limitar a tarefas que já não têm significado para eles (Ribeiro e Ribeiro, 2016).

A finalidade é sugerir uma postura de não restrições, reconhecendo o valor das diferenças individuais e capacitando cada estudante a assumir a responsabilidade pela sua educação e a exercer uma cidadania ativa. Quando se trata de TEA, não existe uma abordagem única ou um conjunto de regras que se aplique a todos. No entanto, existem dicas e princípios que podem ajudar tanto as escolas como os professores. Para apoiar eficazmente os indivíduos com autismo, é crucial possuir uma compreensão abrangente e um amplo conhecimento da condição (FADERS, 2020).

Diante desse contexto, estas circunstâncias têm funcionado como catalisadoras para a intenção de desmistificar o transtorno e criar novos espaços para os indivíduos com TEA. Isso reúne pais, amigos, estudantes e pessoas afetadas pelo transtorno. Este esforço coletivo serve como um testemunho tangível da sua dedicação. A finalidade deve ser apoiar o desenvolvimento holístico desses indivíduos, isto é, reconhecendo a importância de compreender as circunstâncias únicas de cada estudante, as escolas são incentivadas a familiarizar-se com suas crianças e a procurar ativamente formas de acolher as suas necessidades, para que a aprendizagem seja efetiva.

3 DESENHO METODOLÓGICO

A pesquisa foi realizada utilizando como instrumento a abordagem de investigação de cunho qualitativo, Viana (2001, p.122) ressalta que:

Na pesquisa qualitativa você analisará cada situação a partir de dados descritivos, buscando identificar relações, causas, efeitos, consequências, opiniões, significados, categorias e outros aspectos considerados necessários à compreensão da realidade estudada e que geralmente, envolve múltiplos aspectos.

Conforme apresentado pela autora a pesquisa qualitativa está ligada a algo descritivo, logo esta é a mais recomendada para o trabalho, afinal a intenção não é obter números como resultados e sim produzir informações relatadas, visando a interpretação e análise de dados sobre as respostas apresentadas.

Optamos por realizar pesquisa de campo, a qual conforme Marconi e Lakatos (2003, p.186) denotam como “aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”.

Para contextualizar, enfatizamos que a pesquisa de campo só se concretiza em conjunto com a pesquisa bibliográfica, isto é, uma complementa a outra, afinal é através dos conteúdos vistos e estudados em livros, revistas e outros documentos que se tem a base teórica para adentrar no campo de pesquisa resguardado de informações e conhecimentos vistos em relação ao tema estudado.

Para a produção de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada, a qual na visão de Marconi e Lakatos (2003, p.195):

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.

Conforme as autoras, a entrevista é um processo que acontece apenas entre duas pessoas, nesse sentido a pesquisa será realizada com essa dinâmica, sendo esta pautada em um modelo flexível, para ambas as partes envolvidas, visando a fuga da padronização de respostas.

Como toda a pesquisa científica utilizamos pesquisa bibliográfica e de campo, onde Marconi e Lakatos (2003) pontuam que:

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas (Marconi; Lakatos p. 183, 2003).

Segundo as autoras é possível perceber que a pesquisa bibliográfica, auxilia o pesquisador dando a ele o contato direto com o que está escrito sobre o determinado assunto no qual está trabalhando, e este pode estar presente em livros, revistas, pesquisas e inclusive em monografias.

3.1 Caracterização do local da pesquisa

A pesquisa foi realizada na CMEI Irmã Lucília, que se trata de uma escola que abriga a educação infantil, sendo este o primeiro espaço educacional que a criança adentra no seu processo de ensino e aprendizagem, sua localização é na cidade de Arraias, situada no estado do Tocantins.

3.2 Participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa foram professoras que lecionam na escola, preferencialmente aquelas que naquele momento tinham em sala de aula crianças com TEA já diagnosticadas ou crianças que apresentassem sintomas semelhantes.

3.3 Produção de dados e reflexões

A produção de dados foi realizada através das respostas obtidas na entrevista, em diálogo com autores que pesquisam sobre a temática.

Esta pesquisa foi realizada com docentes do sexo feminino, entre 29 e 33 anos, que lidam com crianças portadoras de TEA. Tínhamos como possíveis sujeitos, um

número maior de docentes, todavia, apenas três aceitaram participar da pesquisa, sendo elas Viviane, Neuza e Simone.

Utilizamos entrevistas que consistem em diálogo com as participantes da pesquisa, o tipo de entrevista produzida foi a semiestruturada que, conforme Minayo (2012, p. 65) “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”, possibilitando às entrevistadas uma maior liberdade em suas respostas, para que a partir destas, possamos fazer uma bricolagem organizando suas vivências.

A seguir apresentamos no **Quadro 1**, a estrutura das entrevistas com as respectivas perguntas e respostas:

QUESTIONÁRIOS			
Nome	Viviane	Neuza	Simone
Idade	29 anos	-	33 anos
Gênero	Feminino	Feminino	Feminino
Formação acadêmica	Licenciatura em Pedagogia	Licenciatura em Pedagogia	Licenciatura em Pedagogia
Anos de trabalho docente	10 meses como professora de apoio de aluno especial	22 anos	04 anos
O que é o Transtorno de Espectro Autista (TEA) para você?	O transtorno do espectro autista (TEA) é um distúrbio de neuro-desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits, dificuldade de socialização e comportamento repetitivo	É uma condição neurológica que compromete a interação, a fala e o comportamento em vários níveis, prejudicando a organização do pensamento, sentimentos e emoções	O TEA é um conjunto de condições de neurodesenvolvimento, caracterizadas por desafios em áreas como comunicação, comportamento e interação social. Ele é considerado espectro, porque os sintomas e gravidade variam entre os indivíduos que o possuem.
Em relação à sua experiência profissional na Educação Infantil, como é trabalhado o acolhimento das crianças, logo que, este é o primeiro espaço de contato delas sem ser o meio familiar?	O acolhimento dessas crianças devem ser iguais aos outros. Nós, como professores, temos esse olhar e cuidado, da forma que os outros, principalmente no acolhimento e socialização com elas.	A escola deve oferecer à criança, um espaço onde ela seja compreendida e respeitada, valorizando suas conquistas, respeitando seu tempo e suas particularidades.	A acolhida é feita por recursos lúdicos que abraçam a turma como um todo, alavancando o acolhimento do aluno.
Há um certo receio dos pais ao deixar seus filhos já diagnosticados como autistas na escola? Justifique sua resposta	Sim tem, porque os pais deixam seus filhos lá, porém ficam preocupados se o filho está sendo bem acolhido, ou até mesmo, a adaptação em geral.	Sim, existe a maioria dos pais se sentem inseguros, pois sabem que a adaptação é um processo demorado, pois a criança autista tem suas particularidades.	Não, o receio acontece quando não há diagnóstico porquê tem muitos pais que não aceitam a necessidade do filho, em ser especial.

Explique qual a sua percepção enquanto docente ao tratamento para com as crianças com TEA?	O professor ao iniciar o processo de ensino e aprendizagem com uma criança autista, deve buscar sentir algumas reações, como a recusar interagir com os demais colegas e a falta de comunicação, entre outras ações.	As crianças autistas não devem ser tratadas como diferentes e nem serem excluídos. Elas devem participar de todas as atividades realizadas dentro do ambiente escolar.	Uma criança com TEA, principalmente se não diagnosticado, nós profissionais temos que ter mais atenção e cuidado, pois eles são muito inquietos.
Sobre a formação continuada, você acha importante ser disponibilizada apenas às pessoas que lidam diretamente com o autista, isto é, professor (a) ou para todos aqueles que trabalham dentro do ambiente escolar? Justifique sua resposta	Sim, é extremamente importante que todos da equipe escolar participem, pois todos ali, vão ter contato com o aluno. Seria viável que fosse para todas as formações.	Deve ser disponibilizada para todos que trabalham na escola, pois dentro da escola, todos são educadores.	Não, porque todos nós profissionais da educação, podemos receber um aluno que está em investigação, então temos que saber como cuidar e educar essa criança.
Você acha que ainda existe uma ausência de informação e conhecimento em relação ao TEA? Quais as consequências dessa situação? Quais os maiores desafios enfrentados em sala de aula para suprir as necessidades da criança autista?	Sim, acredito que nem todos estão preparados para enfrentar essas situações, pois os desafios são muitos. Porém o professor precisa conseguir fazer acontecer.	Sim, existe. Algumas consequências são diagnóstico tardio, dificuldades de inclusão, intervenção inadequada e outros. Os desafios: a adaptação e falta de recursos pedagógicos.	As crianças são mais agressivas em em algumas situações. E muitas das vezes, não sabemos como incluir esse aluno no plano de aula, porque só curso de Pedagogia não faz ser um especialista em educação especial.
Há na sala de aula, crianças que não são diagnosticadas autistas, mais que tenha sintomas semelhantes? Se sim, é apresentado a assistência educacional para eles?	Sim, existem muitas crianças que são notórias que possuem características, porém ainda, há grande resistência da não aceitação dos pais.	Sim, as crianças que apresentam quadro de autismo, mas não tem laudo, afinal são atendidas na sala de recurso.	Sim, na CMEI temos a sala de recursos que ajuda com alunos que ainda não são diagnosticados.
Existe a “negação”, por parte dos pais quando é apresentado a eles, a hipótese do seu filho ser autista perante algumas atitudes observadas dele em sala de aula?	Sim, existem muitos deles que não aceitam quando o professor ou professora da sala de recurso faz o alerta.	Sim existe. É muito comum essa negação.	Na CMEI já aconteceu de nós professores falarmos com a família e eles não aceitarem.

Como já dissemos, para essa pesquisa buscamos docentes licenciados em Pedagogia. Numa conversa prévia, tínhamos a quantidade de aproximadamente 5 (cinco) possíveis professores, entretanto, como podemos perceber pelo quadro acima, tivemos

apenas 3 (três) que aceitaram fazer parte da pesquisa, leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), permanecendo até o final da investigação.

Ao realizar um perfil sócio demográfico dos participantes da pesquisa, temos: mulheres, (2) duas negras, e (1) uma parda, em relação à idade, Viviane tem 29 (vinte e nove) anos, Simone tem 33 (trinta e três anos) e Neuza não informou sua faixa etária. Quanto ao tempo de trabalho docente, Viviane possui 10 meses como professora de apoio de estudante com deficiência, neste caso com TEA, Simone 04 anos e Neuza a que tem maior experiência nessa área, lecionando há cerca de 22 anos como docente.

As entrevistas foram realizadas no segundo semestre de 2023. Em relação à pergunta: “o que é o Transtorno de Espectro Autista (TEA) para você?”. Viviane explicou que para ela, o TEA é uma condição complexa que envolve uma variedade de desafios relacionados ao desenvolvimento, à interação social e a comportamentos repetitivos, variando muito de uma pessoa para outra.

Na sequência, Neuza conta que o TEA é uma condição neurológica que afeta diversas áreas do funcionamento humano, principalmente a comunicação e a interação social. Essa condição pode se referir a TEA ou outras condições neuropsiquiátricas que impactam o modo como uma pessoa se relaciona com o mundo ao seu redor. A docente ratifica que visualiza o TEA como uma condição neurológica que pode afetar a vida cotidiana de uma pessoa, impactando sua capacidade de se comunicar, interagir socialmente e gerenciar suas emoções e pensamentos.

Posteriormente, a resposta de Simone sobre o conceito de TEA, enfatiza que indivíduos com TEA, na maioria das vezes, podem ter dificuldades consideráveis em interagir socialmente e mediante a comunicação, enquanto outras podem ter habilidades excepcionais em áreas específicas como exatas ou música, por exemplo.

Como educadora, compreender o TEA é primordial para criar um ambiente inclusivo e apoiar todos os estudantes do melhor modo possível. Isto é, reconhecer que cada aluno com TEA é único, suas necessidades, habilidades e desafios podem variar de modo amplo. Por isso requer uma abordagem individualizada e empática. Neste cenário, adaptar, sempre que for necessário, o ensino para atender às diversidades e/ou necessidades, podem incluir: utilização de métodos de ensino visuais, estruturação do ambiente de aprendizagem e oferta de rotinas previsíveis.

Nesta pergunta, Neuza também menciona a importância de contar com profissionais de apoio para estudantes com necessidades especiais. Esses profissionais desempenham um papel crucial ao auxiliar as crianças em atividades cotidianas, como

alimentação, higiene e locomoção. A legislação prevê a possibilidade de contratação de funcionários especializados para garantir que as necessidades desses estudantes sejam atendidas de forma adequada.

Nesta linha de raciocínio, o TEA conforme delineado no DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), é uma condição de desenvolvimento neurológico que afeta a forma como o indivíduo percebe e interage com o mundo. Essa condição é caracterizada por duas áreas principais de comprometimento: déficits na comunicação e interação social, podendo manifestar, onde indivíduos com TEA podem ter dificuldades em formar relacionamentos, entender normas sociais e responder adequadamente a interações sociais (DSM-IV, 2014).

Como também, comportamentos e interesses restritos e repetitivos, uma vez que, o TEA pode incluir a repetição de movimentos, fala ou uso de objetos, bem como a adesão inflexível a rotinas e a demonstração de interesses intensos e focados em tópicos específicos. Esses comportamentos podem oferecer conforto ao indivíduo, mas também podem levar a desafios em ambientes que exigem flexibilidade e adaptação.

Neste ínterim, faz-se importante destacar que o TEA é um espectro, o que significa que apresenta uma ampla gama de manifestações e graus de severidade, variando significativamente entre os indivíduos. O diagnóstico e a intervenção precoces são fundamentais, pois podem levar a melhores desfechos em termos de desenvolvimento e qualidade de vida (Castro; Giffoni, 2017).

Quando questionadas: em relação à sua experiência profissional na Educação Infantil, como é trabalhado o acolhimento das crianças, logo que, este é o primeiro espaço de contato delas sem ser o meio familiar? Viviane explicou a importância de tratar todas as crianças de maneira equitativa, independentemente de suas diferenças ou necessidades específicas. Assim, o acolhimento é um aspecto fundamental na educação, pois envolve criar um ambiente seguro e acolhedor onde todas as crianças se sintam valorizadas e respeitadas.

Ao afirmar que "o acolhimento dessas crianças deve ser igual aos outros", o relato de Viviane demonstra que não se deve fazer distinções no tratamento, mas sim promover a inclusão e a socialização de todas as crianças. Isso implica que, como professores, devemos ter uma postura atenta e sensível, garantindo que cada, estudante, independentemente de sua situação, tenha acesso às mesmas oportunidades de interação e aprendizado.

Do mesmo modo, essa abordagem reforça a ideia de que a diversidade deve ser celebrada e que cada criança traz consigo experiências e perspectivas únicas que enriquecem o ambiente escolar. Portanto, ao promover um acolhimento igualitário, os educadores não apenas favorecem o desenvolvimento individual de cada criança, mas também fomentam um ambiente mais harmonioso e colaborativo.

Já Neuza, revela que a importância de um ambiente educacional que vai além da mera transmissão de conhecimento. A escola deve ser um espaço acolhedor, onde as crianças se sintam valorizadas e respeitadas em sua individualidade. Isso implica em reconhecer que cada criança tem seu próprio ritmo de aprendizagem, características e experiências únicas.

Quando se fala em compreendida e respeitada refere-se à necessidade de que educadores e funcionários da instituição estejam atentos às emoções e necessidades dos estudantes, promovendo um clima de empatia e apoio. Ao "valorizar suas conquistas", a escola deve celebrar os pequenos e grandes avanços de cada criança, independentemente de sua magnitude, pois isso contribui para a construção da autoestima e motivação.

Igualmente, "respeitar seu tempo e suas particularidades" significa que a escola deve adaptar suas abordagens pedagógicas, reconhecendo que cada aluno aprende de maneira diferente. Isso pode envolver metodologias diversificadas, atenção às dificuldades individuais e a criação de oportunidades para que cada criança desenvolva seu potencial em um ambiente seguro e estimulante.

Por ora, Simone cita que a necessidade de utilizar recursos lúdicos como uma estratégia para promover um ambiente acolhedor e inclusivo para os estudantes em uma turma. "A acolhida" refere-se ao momento de recepção e integração dos estudantes, que é fundamental para que se sintam confortáveis e motivados a participar do processo educacional.

Segundo Neuza, o uso de "recursos lúdicos" sugere que atividades divertidas, jogos e dinâmicas podem ser empregados para facilitar essa acolhida. Esses recursos ajudam a quebrar o gelo, promovem interações entre os estudantes e criam um clima de amizade e colaboração. Ao "abraçar a turma como um todo", a ideia é que todos os estudantes, independentemente de suas individualidades, se sintam incluídos e valorizados.

Por fim Neuza descreve que alavancando o acolhimento do aluno, indica que essa abordagem lúdica não apenas melhora a recepção inicial, mas também fortalece o vínculo entre os estudantes e a escola, contribuindo para um ambiente mais positivo que favorece

a aprendizagem e o desenvolvimento social. Em resumo, a frase enfatiza como o uso de atividades lúdicas pode ser uma ferramenta poderosa para promover a integração e o acolhimento dos estudantes.

De modo geral, na Educação Infantil, o acolhimento de crianças com TEA é uma etapa crucial, pois esse ambiente representa o primeiro espaço de socialização fora do contexto familiar. A abordagem deve ser cuidadosa e adaptativa para garantir que essas crianças se sintam seguras, valorizadas e incluídas no grupo. Em síntese, o acolhimento de crianças com TEA é um processo essencial que envolve a criação de um ambiente seguro, inclusivo e compreensivo (Santos, 2022).

Na sequência, na questão: há um certo receio dos pais ao deixar seus filhos já diagnosticados como autistas na escola? Justifique sua resposta, Viviane sugere que, embora os pais deixem seus filhos em um determinado lugar — como uma creche, escola ou acampamento —, eles não podem evitar sentir preocupação em relação ao bem-estar e à adaptação dos filhos nesse ambiente. Essa preocupação pode ser relacionada a diversos fatores, como a qualidade do atendimento, a forma como as crianças são tratadas pelos educadores ou cuidadores, e a capacidade dos filhos em se integrar e formar relacionamentos com outras crianças.

Em essência, a frase reflete a tensão que muitos pais sentem ao equilibrar a necessidade de proporcionar experiências novas e oportunidades para seus filhos com o desejo de garantir que eles estejam seguros e felizes. Essa ansiedade pode ser natural, pois envolve a responsabilidade emocional e afetiva que os pais têm em relação ao desenvolvimento e ao bem-estar de seus filhos.

Neuza aponta que a realidade vivida por muitos pais de crianças autistas, que frequentemente enfrentam um período de incertezas e inseguranças ao lidar com as particularidades do autismo. A adaptação a essa nova realidade pode ser um processo longo e desafiador, uma vez que cada criança no espectro autista apresenta características únicas que demandam diferentes abordagens e estratégias.

Essas particularidades podem incluir dificuldades na comunicação, na interação social, comportamentos repetitivos e sensibilidade a estímulos sensoriais, entre outras. Os pais, ao se depararem com essas nuances, podem sentir-se sobrecarregados, inseguros sobre como oferecer o suporte necessário e como lidar com as situações do cotidiano. Além do mais, a adaptação envolve não apenas a criança, mas toda a dinâmica familiar, incluindo alterações na rotina, na forma de se relacionar e na abordagem educacional.

Por isso, é comum que os pais busquem informações, apoio e estratégias que possam ajudá-los a entender melhor o autismo e a promover um ambiente acolhedor e estimulante para seus filhos. Essa busca pode gerar insegurança, pois envolve a preocupação com o desenvolvimento e o bem-estar da criança. Assim, há uma complexidade do processo de adaptação para pais de crianças autistas, que muitas vezes se sentem inseguros diante da necessidade de compreender e atender às necessidades específicas de seus filhos, ao mesmo tempo em que enfrentam os desafios que essa jornada traz.

Quando indagados para explicarem sobre: qual a sua percepção enquanto docente ao tratamento para com as crianças com TEA?. Viviane relatou que é importante para o professor, observar e compreender as reações da criança autista ao iniciar o processo de ensino e aprendizagem. Afinal, o TEA se manifesta de maneiras diferentes em cada indivíduo, e algumas crianças podem apresentar dificuldades em socializar, comunicar-se ou interagir com os colegas.

Segundo Viviane, ao buscar sentir algumas reações, o professor está sendo convidado a estar atento às sutilezas do comportamento da criança. A recusa em interagir pode indicar desconforto, ansiedade ou simplesmente uma maneira distinta de se relacionar com o ambiente social. A falta de comunicação pode ser um sinal de que a criança está lutando para expressar suas necessidades ou emoções, ou que ainda não encontrou um meio adequado de se comunicar.

Reconhecer essas reações é essencial para que o professor possa adaptar suas estratégias de ensino, criar um ambiente mais inclusivo e acolhedor, e, desenvolver abordagens que atendam às necessidades específicas da criança. Isso pode incluir o uso de métodos de comunicação alternativa, atividades que promovam a socialização gradual e a construção de um vínculo de confiança, permitindo que a criança se sinta segura e encorajada a participar do processo de aprendizagem. Assim, a observação atenta das reações é um passo fundamental para facilitar a inclusão e o desenvolvimento da criança com TEA no ambiente escolar.

Neuza destaca a importância da inclusão e do respeito à diversidade no ambiente escolar, defendendo que as crianças autistas não devem ser tratadas de maneira distinta ou segregadas de seus colegas. Isso implica que todos os estudantes, independentemente de suas diferenças, devem ter acesso às mesmas oportunidades de aprendizagem e socialização. Isto é, para a docente, ao invés de serem excluídas ou tratadas como diferentes, as crianças autistas devem ser incentivadas a participar ativamente de todas as

atividades escolares, o que contribui para o seu desenvolvimento e para a formação de uma comunidade escolar mais justa e solidária.

Em seguida, Simone, relata a necessidade de uma observação cuidadosa e de intervenções adequadas por parte dos profissionais que lidam com crianças com TEA, especialmente aquelas que ainda não foram diagnosticadas. Neste cenário, as crianças com TEA podem apresentar comportamentos que incluem inquietude, dificuldade em se concentrar e em interagir socialmente, o que pode ser mal interpretado por adultos que não têm formação sobre o transtorno.

A inquietude pode ser um sinal de que a criança está se sentindo sobrecarregada, ansiosa ou em busca de estímulos que a ajudem a regular suas emoções. Sem um diagnóstico, essas crianças podem ser vistas apenas como "difíceis" ou "desobedientes", fazendo com que suas necessidades específicas não sejam atendidas. É primordial que os profissionais de educação e saúde tenham um olhar sensível e atento a esses comportamentos. Compreender que essa inquietude pode estar relacionada a um transtorno pode levar a estratégias de manejo mais adequadas, que promovam um ambiente mais inclusivo e favorável ao desenvolvimento da criança.

Referente a questão: sobre a formação continuada, você acha importante ser disponibilizada apenas às pessoas que lidam diretamente com o autista, isto é, professor (a) ou para todos aqueles que trabalham dentro do ambiente escolar?, Viviane descreve a importância da participação de toda a equipe escolar em processos formativos e de capacitação. Isso se deve ao fato de que cada membro da equipe, independentemente de sua função, terá algum tipo de interação com os estudantes. Quando todos os profissionais, como professores, auxiliares, gestores e demais funcionários, estão bem informados e preparados, isso cria um ambiente mais coeso e eficiente para o aprendizado.

Além disso, a formação conjunta promove uma cultura de colaboração e entendimento mútuo, onde todos compreendem melhor as necessidades dos estudantes e podem trabalhar de maneira integrada. A ideia de que "seria viável que fosse para todas as formações" sugere que essa abordagem deve ser aplicada a todas as áreas de desenvolvimento e formação, garantindo que todos estejam alinhados e capacitados para oferecer o melhor suporte possível aos estudantes. Isso pode resultar em um ambiente escolar mais inclusivo, acolhedor e eficaz no processo educativo.

Neuza destaca o interesse em uma abordagem colaborativa e inclusiva na educação. Ela enfatiza que, independentemente da função específica que cada pessoa

desempenha dentro da instituição escolar - seja professor, funcionário administrativo, auxiliar, ou outro colaborador - todos têm um papel significativo na formação e desenvolvimento dos estudantes.

Essa ideia sugere que a educação não se limita apenas ao ato de ensinar em sala de aula. Cada interação, cada atividade e cada ambiente que a escola proporciona influenciam o aprendizado e o crescimento dos estudantes. Portanto, é essencial que todos os envolvidos na escola tenham acesso a recursos, formação e apoio que os capacitem a desempenhar suas funções de maneira eficaz.

Ademais, ao reconhecer que todos são educadores, promove-se uma cultura de responsabilidade compartilhada, onde cada membro da comunidade escolar se sente valorizado e parte do processo educativo. Isso pode resultar em um ambiente mais colaborativo, onde iniciativas e inovações podem surgir a partir da contribuição de todos, enriquecendo a experiência educacional dos estudantes.

Simone explica sobre a responsabilidade que todos os profissionais da educação têm ao lidar com estudantes que estão passando por investigações, seja por questões legais, sociais ou de saúde mental. Ela sugere que, independentemente da área específica de trabalho dentro da educação - seja professor, coordenador ou outro profissional - é fundamental que esses educadores estejam preparados para receber e apoiar esse aluno de maneira adequada.

Ao dizer podemos receber um aluno que está em investigação, Simone enfatiza a ideia de que a inclusão e o acolhimento são princípios essenciais na educação. Isso implica que todos devem estar cientes das necessidades especiais que esses estudantes podem ter e, assim, desenvolver estratégias de cuidado e ensino que os ajudem a se sentir seguros e integrados no ambiente escolar.

Aliás, "saber como cuidar e educar essa criança" refere-se à importância de oferecer um suporte emocional e pedagógico apropriado, respeitando a individualidade e as circunstâncias do aluno. Isso pode incluir adaptações curriculares, acompanhamento psicológico, em um ambiente que promova a empatia e a compreensão. Assim, a frase ressalta a importância de uma abordagem educacional inclusiva e sensível, garantindo que todos os estudantes tenham oportunidades de aprendizado, independentemente de suas situações pessoais.

Segundo Souza e Loureiro (2020), a formação continuada deve ser disponibilizada para todos os profissionais que trabalham dentro do ambiente escolar, e não apenas para os professores que lidam diretamente com estudantes autistas, como é o caso da

compreensão holística, já que o TEA afeta não apenas o aprendizado, mas também aspectos sociais, emocionais e comportamentais. Todos os profissionais, incluindo funcionários administrativos, assistentes, monitores e a equipe de limpeza, podem se beneficiar de uma compreensão mais profunda do espectro autista. Isso cria um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor.

Especificamente, na Educação Infantil, deve haver uma colaboração e integração, ou seja, um trabalho em equipe, pois esse é fundamental em cenários educacionais, para que a inclusão de estudantes autistas seja efetiva, todos os membros da equipe escolar precisam estar alinhados em relação às melhores práticas, estratégias de atendimento e abordagens pedagógicas. A formação continuada promove uma linguagem comum e uma abordagem integrada. Para que a escola se torne um espaço verdadeiramente inclusivo, é essencial que todos os profissionais estejam sensibilizados e capacitados para lidar com a diversidade (Amorim, 2023).

Na questão, você acha que ainda existe uma ausência de informação e conhecimento em relação ao TEA? Quais as consequências dessa situação? Quais os maiores desafios enfrentados em sala de aula para suprir as necessidades da criança autista?

Viviane ressalta que, embora nem todas as pessoas tenham a capacidade ou a preparação necessária para lidar com os desafios que surgem em determinadas situações, o papel do professor é fundamental para garantir que essas situações sejam enfrentadas e que a aprendizagem ocorra. Isso implica que o professor deve ser um facilitador e um guia, ajudando os estudantes a desenvolver habilidades e estratégias para superar obstáculos.

A ideia trazida por Viviane é que, mesmo que os estudantes possam não estar prontos ou preparados para os desafios que se apresentam, é responsabilidade do educador criar um ambiente de aprendizado que os incentive a enfrentar e superar essas dificuldades. Isso pode envolver a adaptação do ensino, o fornecimento de suporte emocional e a criação de oportunidades para que os estudantes se sintam seguros ao tentar e errar, contribuindo assim para seu crescimento pessoal e acadêmico. Em resumo, a frase enfatiza a importância do trabalho do professor em promover resiliência e desenvolvimento em seus estudantes independentemente das circunstâncias.

Neuza menciona a existência de um problema, que pode ser relacionado a uma condição, como uma deficiência ou uma dificuldade de aprendizagem. As consequências citadas, como diagnóstico tardio, dificuldades de inclusão e intervenção inadequada,

refletem as complicações que podem surgir quando essa condição não é identificada e tratada adequadamente. Os desafios mencionados, como a adaptação e a falta de recursos pedagógicos, referem-se às barreiras que educadores e instituições enfrentam ao tentar atender adequadamente estudantes com necessidades especiais.

Isso porque, a adaptação se refere à necessidade de modificar, quando necessário, currículos, métodos de ensino e ambientes de aprendizagem para torná-los mais inclusivos. A falta de recursos pedagógicos significa que muitas vezes não há materiais ou formação continuada adequados disponíveis para apoiar esses estudantes, dificultando ainda mais sua inclusão e aprendizado. Em suma, a frase destaca a importância de uma identificação precoce e adequada de condições que podem impactar o aprendizado, assim como a necessidade de recursos e adaptações para promover uma educação inclusiva e eficaz.

Simone relata a complexidade do comportamento infantil, especialmente em relação à agressividade, que pode surgir em várias situações. Isso é comum em ambientes escolares, onde as crianças podem ter diferentes reações emocionais e comportamentais, influenciadas por fatores como experiências pessoais, ambiente familiar, e interações sociais. Quando se menciona que nem sempre sabemos como incluir um estudante agressivo no plano de aula, isso reflete a dificuldade que muitos educadores enfrentam ao lidar com comportamentos desafiadores.

Embora o curso de Pedagogia forneça uma base sólida sobre o desenvolvimento infantil e as práticas pedagógicas, ele pode não oferecer uma formação aprofundada em educação inclusiva ou em estratégias específicas para lidar com comportamentos agressivos. A inclusão de estudantes com comportamentos desafiadores requer uma compreensão mais ampla das necessidades individuais de cada criança, além de técnicas específicas para promover um ambiente de aprendizado positivo e inclusivo. Isso pode envolver a colaboração com especialistas, como psicólogos e educadores especializados em educação especial, para desenvolver estratégias eficazes que atendam às necessidades de todos os estudantes na sala de aula.

Quando perguntadas sobre: há na sala de aula, crianças que não são diagnosticadas com TEA, mas que tenham sintomas semelhantes? Se sim, é apresentada a assistência educacional para eles?

Viviane revela que, embora existam muitas crianças que se destacam por suas características únicas ou notórias – seja por talentos, comportamentos ou condições especiais – ainda há uma resistência significativa por parte de alguns pais em aceitá-las,

como realmente são. Essa resistência pode se manifestar de várias formas, como negação, preconceito ou a expectativa de que as crianças se encaixem em padrões mais tradicionais ou normativos.

Neuza corrobora com Viviane que crianças com TEA, mesmo sem um diagnóstico formal ou laudo, podem receber suporte educacional em ambientes especializados, como salas de recurso. Isso implica que, embora não tenham sido oficialmente diagnosticadas, essas crianças ainda podem demonstrar características ou necessidades que justifiquem um atendimento diferenciado. As salas de recurso são espaços nas escolas destinados a apoiar estudantes com dificuldades de aprendizagem ou necessidades educativas específicas.

Já Simone, explicita que a sala de recursos refere-se à presença de um espaço específico dentro da instituição de ensino infantil (CMEI - Centro Municipal de Educação Infantil) destinado a oferecer suporte a estudantes que podem ter dificuldades de aprendizagem ou necessidades especiais, mas que ainda não passaram por um diagnóstico formal.

Conforme vimos na fala das professoras, as crianças com TEA necessitam de atendimento especializado e para isso contam com a Sala de recursos, que segundo Maia e Jacomelli (2019) é um ambiente onde educadores especializados podem trabalhar com crianças com deficiência, Transtornos do desenvolvimento e altas habilidades, de maneira individualizada ou em pequenos grupos, utilizando estratégias pedagógicas diferenciadas. A finalidade é identificar e atender às necessidades específicas dos estudantes, promovendo seu desenvolvimento e aprendizado, mesmo antes de um diagnóstico oficial que possa indicar uma condição específica.

Finalmente, quando indagadas se: existe a “negação”, por parte dos pais quando é apresentado a eles, a hipótese do seu filho ter TEA, perante algumas atitudes observadas dele em sala de aula?

Viviane revela que há estudantes que não aceitam ou não reconhecem as orientações ou alertas feitos pelo professor ou professora que trabalha na sala de recursos. Geralmente, a sala de recursos é um espaço destinado a fornecer apoio educativo a estudantes com necessidades especiais ou dificuldades de aprendizagem.

Quando o professor faz um alerta, ele pode estar apontando comportamentos, dificuldades ou a necessidade de ajustes no aprendizado do estudante. A resistência ou a falta de aceitação por parte dos pais pode surgir por diferentes motivos, como a negação da própria dificuldade, a falta de compreensão sobre a importância da intervenção,

questões emocionais, ou até mesmo a crença de que não precisam de ajuda. Esse tipo de situação pode ser um desafio no processo educativo, pois a aceitação do suporte e das orientações é fundamental para que o aluno consiga superar suas dificuldades e progredir em seu aprendizado.

Neuza alude ser muito comum essa negação dos familiares com relação ao TEA" refere-se à realidade que muitas famílias enfrentam ao lidar com o referido transtorno. Essa negação pode ocorrer por diversas razões. Primeiro, o diagnóstico de um transtorno do espectro pode ser difícil de aceitar, pois pode desafiar as expectativas que os pais têm sobre o desenvolvimento de seus filhos.

A ideia de que uma criança pode não se desenvolver "normalmente" pode gerar sentimentos de tristeza, culpa ou até mesmo vergonha. Além disso, há um estigma social associado ao TEA que pode levar os familiares a rejeitar ou minimizar o diagnóstico. Isso pode ser agravado pela falta de informação e compreensão sobre o autismo, o que torna os pais relutantes em aceitar a condição.

Simone finaliza abordando uma situação delicada que pode ocorrer em instituições de educação infantil, como os CMEI, onde alguns professores enfrentam a resistência de famílias em aceitar a presença de crianças com TEA. Essa resistência pode refletir preconceitos, falta de informação ou compreensão sobre o transtorno, e até mesmo o medo do desconhecido.

Logo, quando os professores tentam dialogar com as famílias, eles buscam conscientizar e esclarecer a importância da inclusão, ressaltando que crianças com TEA têm direito à educação e que a convivência com diferentes realidades enriquece o aprendizado de todos. No entanto, a recusa das famílias pode indicar uma necessidade de mais apoio e informação para que elas se sintam confortáveis e seguras em relação à inclusão de seus filhos com colegas com TEA.

Este estudo apontou os desafios e nuances do ensino de crianças com TEA na educação infantil, enfatizando a importância da inclusão e do acolhimento individualizado. Desse modo, os professores entrevistados enfatizaram a necessidade de ajustes instrucionais, como o uso de recursos interessantes e a criação de rotinas previsíveis, que aos poucos devem ser ampliadas, para garantir que os estudantes com TEA se sintam seguros e incluídos. Além disso, é notável que a falta de informação e a recusa de alguns familiares e profissionais da educação em aceitar o diagnóstico continuam sendo barreiras significativas, exigindo um maior diálogo entre escolas e famílias para promover uma educação verdadeiramente inclusiva.

Por fim, o estudo destaca a urgência de investir na formação continuada de todos os profissionais escolares, e não apenas dos professores, para criar um ambiente educativo mais acolhedor, preparado e sensível à diversidade. Neste cenário, as experiências dos professores indicam que, apesar dos progressos, permanecem lacunas nos cuidados às crianças com impedimentos causados pelo espectro do autismo. As políticas públicas e a prática docente devem, portanto, priorizar a formação, a sensibilização e a colaboração entre todos os atores para garantir que cada criança, independentemente das suas particularidades, tenha acesso à educação de qualidade e desenvolva todo o seu potencial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa buscou entender como é o acolhimento e a forma de aprendizado de crianças com TEA no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Irmã Lucília, em Arraias-TO. Para isso, com base em leitura de livros e trabalho direto no campo observando e conversando com as três professoras da escola, conseguimos ver que receber e incluir crianças com TEA são situações que pedem uma maneira delicada, sensível e ajustada às necessidades de cada estudante.

Neste cenário, mediante análise e produção de dados, entende-se que embora haja uma preocupação dos professores em receber e incluir as crianças com TEA ratifica-se, portanto que há uma necessidade de formação continuada na área da educação inclusiva para os trabalhadores da educação. A ausência de saberes mais específicos sobre TEA e a falta de materiais corretos são fatos que atrapalham a criação de um lugar realmente aberto.

Além disso, a relutância de alguns pais em aceitar o diagnóstico dos filhos e a falta de ajuda técnica dentro das escolas são barreiras que precisam ser eliminadas. Neste viés, o estudo também reforça a necessidade de um trabalho em conjunto entre todos os funcionários da escola, ou seja, não apenas as professoras que agem direto com as crianças com TEA. A formação continuada deve ser possibilitada a todos que fazem parte do grupo da escola, para produzir um lugar mais inclusivo e acolhedor.

Por fim, é fundamental que as políticas públicas e as instituições de ensino priorizem a formação de professores e a disponibilização de recursos adequados para atender às necessidades das crianças com TEA. A inclusão dessas crianças no ambiente escolar não é apenas uma questão de direito, mas também uma oportunidade de enriquecer o processo educativo para todos os estudantes, promovendo a diversidade e a empatia.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association, **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed; 2014.

AMORIM, Liandra Maciel. **A formação continuada de professores da Educação Infantil para o atendimento de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em Dissertações na área de Educação**. 2020. 18f. Artigo (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2020.

AQUINO, Gabriele Vieira. **Antony e o Autismo: (Im) possibilidades de uma criança durante o ensino remoto.** / Gabriele Vieira Aquino. - Arraias-TO, 2022.

BEYER, H.O. **A criança com autismo- propostas de apoio cognitivo a partir da “teoria da mente”** In: BAPTISTA, Claudio Roberto e BOSA, Cleonice (org 1. Autismo e educação: Reflexoes e propostas de intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2002, p- 111-125.

BORTOLOTTI, Patricia Tascheto de Oliveira. **Como acontece o processo de socialização com crianças autistas-** Porto Alegre. 2009

BRASIL, Ministério da Cidadania. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Presidência da República: Brasília-DF, 1988.

BRASIL, Ministério da Cidadania. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990**. Presidência da República: Brasília-DF, 2012. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12764-27-dezembro-2012-774838-publicacaooriginal-138466-pl.html>. Acesso em: 09 ago. 2024.

BRASIL, Ministério da Casa Civil. Decreto nº 8.368, de 2 de dezembro de 2014. **Regulamenta a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Presidência da República: Brasília-DF, 2014. Disponível em: https://planalto.gov.br/ccivil_03///// Ato2011-2014/2014/Decreto/D8368.htm. Acesso em: 09 ago. 2024.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 09 ago. 2024.

Câmara municipal de São Paulo. **Manual dos direitos pessoa com autismo**. 2021

CASTRO, Ana Cristina de; GIFFONI, Silvyo David Araújo. O conhecimento de docentes de Educação Infantil sobre o transtorno do espectro autístico. **Rev Psicopedagogia**, Campinas, v.34, n.103, p.98-106, 2017.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

EVÊNCIO, Kátia Maria de Moura; FERNANDES, George Pimentel. **História do Autismo: Compreensões Iniciais.** Id on Line Rev.Mult. Psic., 2019, vol.13, n.47, p. 133-138. ISSN: 1981- 1179

Governo do Rio Grande do Sul. **Conversando sobre Autismo – Unindo forças pela Inclusão.** Fórum Temático: FADERS, Porto Alegre, 2020.

KANNER, L. **Affective disturbances of affectiv contact.** Nervoes child, 2, 1943, pp.217-250.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** 1 Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

MAIA, Maria Suely Deganutti; JACOMELLI, Milleni Kelly. A importância do ensino especializado, na sala de recursos, como estratégia de aprendizagem na formação da criança com TEA. **Rev Psicologia e Saberes**, v.8, n.1, 2019.

MARIANO, Ester Fernandes. **AUTISMO: transtorno invasivos do desenvolvimento e no processo de inclusão no ensino.** / Ester Fernandes Mariano. – Lagoa Santa, 2019

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.17, n.3, p.621-626, 2012.

OLIVEIRA, Maria da Luz dos Santos. **FORMAÇÃO DOCENTE E INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: Algumas Reflexões.** / Maria da Luz dos Santos Oliveira. – João Pessoa, 2016

ORRÚ, Silva Ester. **Autismo, Linguagem e Educação- interação social no cotidiano escolar.** 3 ed.-Rio de Janeiro: Wak Ed., 2012.

RIBEIRO, Lóry da Silveira; RIBEIRO, Elisabete da Silveira. Breve análise do transtorno do espectro autista no contexto da Educação Escolar. **Revista Didática Sistemica**, v.18, n.1, p.43-55, 2016.

ROPOLI, Edilene Aparecida. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva** / Edilene Aparecida Ropoliet.al. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

SANTOS, Lucinéia Dias. **O processo de acolhimento de crianças com TEA na Educação Infantil no município de São Mateus-ES.** 2022. 78f. TCC (Licenciatura em Pedagogia) – Departamento de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal do Espírito Santo, São Mateus-ES, 2022.

SIMIANO, Luciane Pandini; BUSS-SIMÃO, Márcia Buss. Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil: entre desafios e possibilidades dos campos de experiência educativa. **Rev Cient**, São Paulo, n.41, p.77-90, set/dez. 2016.

SOUZA, Sheila Carla de; LOUREIRO, Mariana Orfão. Conhecimentos necessários para professores que atuam com alunos com transtorno do espectro do autismo. **Brazilian Journal of Development**, v.6, n.5, 2020.

VIANA, Ilca Oliveira de Almeida. **Metodologia do Trabalho Científico**: Um Enfoque Didático da Produção científica. São Paulo: EPU, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome:
Idade:
Gênero:
Formação acadêmica:
Anos de trabalho docente:
O que é o Transtorno de Espectro Autista (TEA) para você?
Em relação à sua experiência profissional na Educação Infantil, como é trabalhado o acolhimento das crianças, logo que, este é o primeiro espaço de contato delas sem ser o meio familiar?
Há um certo receio dos pais ao deixar seus filhos já diagnosticados como autistas na escola? Justifique sua resposta
Explique qual a sua percepção enquanto docente ao tratamento para com as crianças com TEA?
Sobre a formação continuada, você acha importante ser disponibilizada apenas às pessoas que lidam diretamente com o autista, isto é, professor (a) ou para todos aqueles que trabalham dentro do ambiente escolar? Justifique sua resposta
Você acha que ainda existe uma ausência de informação e conhecimento em relação ao TEA? Quais as consequências dessa situação? Quais os maiores desafios enfrentados em sala de aula para suprir as necessidades da criança autista?
Há na sala de aula, crianças que não são diagnosticadas autistas, mais que tenha sintomas semelhantes? Se sim, é apresentado a assistência educacional para eles?
Existe a “negação”, por parte dos pais quando é apresentado a eles, a hipótese do seu filho ser autista perante algumas atitudes observadas dele em sala de aula?